

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE MÚSICA DA ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E
ARTES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “ARTE NA EDUCAÇÃO: TEORIA E
PRÁTICA”

TAMARA REGINA ALVES JUCÁ

O CORPO DO CORPO DOCENTE: COMO O CURRÍCULO REGULA O
CORPO DO PROFESSORADO.

SÃO PAULO

2022

TAMARA REGINA ALVES JUCÁ

O CORPO DO CORPO DOCENTE: COMO O CURRÍCULO REGULA O
CORPO DO PROFESSORADO.

Monografia apresentada à Escola
de Comunicação e Artes da
Universidade de São Paulo para
obtenção do título de especialista
em Arte-Educação.

Orientador: Marcos Garcia Neira.

SÃO PAULO

2022

Viver é partir, voltar e repartir.

Letra de É Tudo Pra Ontem

Emicida

Compositores: Felipe Vassao / Leandro Roque / Thiago Jamelao

RESUMO

Este estudo busca, a partir dos conceitos de currículo de Tomaz Tadeu da Silva e de corpos dóceis, biopoder e regimes da verdade de Michel Foucault, fazer uma análise crítica sobre relações, estruturas físicas e arquitetônicas e situações vividas em uma instituição escolar de Ensino Médio e Técnico experimentadas ao longo de três anos por uma professora. Apoiada na descrição crítica de algumas experiências, a análise se constrói de modo a buscar entender as consequências destes dispositivos de controle engendrados como uma rede no corpo dos professores escolares e como essa subjetivação se manifesta. A conclusão alcançada é que o currículo, o espaço, o tempo, a organização dos ambientes escolares e os dispositivos de monitoramento na instituição colaboram para o controle dos corpos docentes, de modo a desenvolver a obediência, enrijecendo-os cada vez mais.

Palavras-chave: Escola; Corpos docentes; Dispositivos de controle; Currículo.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
3. MÉTODO.....	11
4. DISCUSSÃO.....	11
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	16

1. Introdução

Não é apenas o currículo - aquilo que ocorre na experiência educacional – que está implicado em processos de regulação e governo da conduta humana. [...] A moderna “ciência educacional” pode ser analisada como um daqueles domínios de conhecimento sobre o homem em que a “vontade de saber” não pode ser separada da “vontade de poder” (SILVA, 2008, p.186).

O currículo escolar vai muito além do documento que norteia conteúdos e orientações gerais, é uma construção histórica e cultural viva, presente diariamente nas linguagens e nas relações do ambiente escolar por todos que dela fazem parte. Freire, Nogueira e Santana (2019, p.83) definem

O currículo é um elemento determinante e audacioso devido a sua carga ideológica. Inserido no meio educacional provoca mudanças significativas nos planos de aula docente e conseqüentemente na formação do alunado. Segundo Silva (2009), a partir da perspectiva pós-estruturalista pode-se dizer que o currículo é também questão de poder.

Apesar de haver uma grande precarização do que é racional e científico, ainda assim, nossa sociedade valoriza mais o que é concêntrico e o trabalho em detrimento de outros tipos de conhecimentos que trazem uma maior liberdade corporal em seu componente, como os sentidos, a imaginação e a experiência. Nesse contexto, cujo nascimento foi influenciado fortemente pelo Iluminismo, a escola ainda segue a mesma lógica, com ambientes que valorizam o controle dos corpos.

“O currículo como aquilo que ocorre na experiência educacional” (Silva 2008) visa orientar conteúdos e situações para o ensino aprendizagem dos alunos, dessa forma entendendo o processo de escolarização como algo da comunidade escolar, para a comunidade escolar e pela comunidade escolar. Esse mesmo currículo dita regras que controlam esse processo educacional e os corpos de todos e todas os(as) envolvidos(as), inclusive do professorado.

Compreender a estrutura do currículo escolar e suas influências na construção cultural do corpo é objeto essencial para compreender o ser humano que está se formando. Kohan (2008, p. 16),

[...] propõe pensar a experiência e a verdade em relação com a escrita. O que significaria escrever um livro a partir dessas duas possibilidades? O autor francês [Michel Foucault] propõe que, segundo a lógica da verdade, quem escreve um livro o faz porque está instalado

numa verdade e o sentido principal da escrita é a transmissão dessa verdade para os eventuais leitores do livro. Assim, quem escreve um livro-verdade o faz para transmitir o que sabe para quem ele considera que não sabe. [...] A experiência revela outra relação com a leitura. Um livro que funciona como experiência também afirma uma série de verdades que pode ser constatada ou refutada. A experiência não é indiferente à verdade. Mas, diferentemente de um livro que funciona como verdade, um livro experiência não afirma verdades com o sentido de transmiti-las, mas para problematizar a relação que um autor, ou um leitor, têm com a verdade.

É possível ampliar esses conceitos de verdade e experiência para outras situações, vivências e instituições. Como para o(a) professor(a), para a vivência escolar e suas situações de aprendizagem e os próprios documentos que registram o currículo escolar. Um sujeito imerso em um processo de escolarização que entende que a função social da escola é predominantemente ensinar aquilo que o sujeito não sabe, pode ser um exemplo desse conceito de verdade, pois nessa situação só é possível entender a educação a partir da perspectiva regulatória de que só o que o professor ensinar é a verdade, simulando uma lógica produtivista (onde o foco é no resultado). Desse modo, a aprendizagem se dá em prol do controle de corpos em detrimento da liberdade do corpo. Todas (ou a maior parte) as pessoas envolvidas no processo colaboram para que esses valores sejam embutidos exemplificando e influenciando com seu próprio modo de viver.

Já numa situação em que os sujeitos da comunidade escolar entendem a educação como experiência, o corpo é pressuposto para a aprendizagem, não há como separar a mente e o corpo. Uma nova definição que complementa a noção de experiência e corrobora com a necessidade da visão do sujeito como um todo. Com base nessa premissa, a função social da escola passa a ser o resultado das trocas nas relações que se apresentam, podendo haver diversas possibilidades e não uma verdade irrefutável. O sistema é regido por outras formas de governo e isso é materializado nas experiências vividas e nos corpos de todos e todas os(as) membros(as) da comunidade.

O currículo é pensado por todas as pessoas envolvidas, porém ele é organizado previamente e determinado a partir de algumas escolhas com protagonismo do corpo docente da instituição, somado a outros agentes envolvidos (a depender da instituição em questão). Contudo, é curioso pensar que o currículo regule os corpos docentes, tornando-os sujeitos e vítimas

alimentando esse ciclo sem que consigamos definir o começo e o fim. Mesmo assim, é possível reconhecer um conjunto de fatores que compõe e influenciam os corpos dos corpos docentes no processo de escolarização.

Como, um repertório de documentos, atividades e ações que compõem o currículo escolar, determinados signos (como identidades e subjetividades existentes num terreno de indeterminação, num território de significados flutuantes) nas construções sociais e possíveis narrativas cruzadas pelas linhas de poder.

Silva (2008, p. 186) compreende, baseado em Foucault (1993), que,

As modernas formas de governo da conduta humana dependem, assim, de formas de saber que definem e determinam quais condutas podem e devem ser governadas, que circunscrevem aquilo que pode ser pensado sobre essas condutas e que prescrevem os melhores meios para torná-la governável. Além disso, esse saber, para ser útil nesse sentido de governo, não pode estar limitado a um conhecimento abstrato, teórico, mas deve fornecer elementos concretos, materiais, calculáveis, sobre os indivíduos e as populações a serem governados.

Para Foucault, “O poder é pensado como relação, ele raramente usa a palavra poder, mas a expressão - relações de poder - e quando usa a primeira é sempre no sentido da segunda” (Santos, 2016, p. 262). As relações de poder são símbolos da ideia de força, cujo poder está em estar sempre relacionada a outras relações de poder, gerando novas relações de força. As construções sociais são, portanto, relações de poder se sobrepondo, por isso, as relações humanas sendo construídas dentro do ambiente e da comunidade escolar serão analisadas por esse trabalho com o objetivo de compreender fatores que possam regular o corpo do professorado, relativizando a partir das diferentes perspectivas que esses corpos estão inseridos nesse currículo. Professores cujo campo de conhecimento insere o corpo como protagonista no saber podem sofrer diferentes tipos de relações de força em relação a professores cujo campo do conhecimento tem a razão como protagonista em detrimento do corpo. E essas relações podem resultar em diferentes cenários se inseridos numa situação cujo currículo prioriza o olhar do corpo e da mente como integrados e não separados.

A Teoria do Currículo está preocupado com conhecimentos, matérias, saberes, conteúdos, desenvolvimento cognitivo. E o corpo? É ignorado, escamoteado, escondido. E, talvez, com isso, melhor controlado, melhor disciplinado, mais sujeito a ser moldado como

identidade hegemônica, como corpo subalternizado. A descorporificação implicada no currículo contribui também para reforçar a separação entre corpo e mente, por sua vez, ligada à separação entre trabalho mental e trabalho manual. (SILVA, 2008, p.198).

É interessante pensar que com tantos agentes compondo uma comunidade escolar (professores, coordenação, estudantes, responsáveis pelos estudantes, funcionários administrativos da instituição, funcionários da limpeza da instituição, funcionários de segurança da instituição, governantes e tantos outros) os trabalhos sobre teoria curricular e suas influências estejam mais focados nas influências do currículo na formação dos estudantes. Portanto, este estudo se propõe a ampliar a perspectiva do olhar e buscar entender a influência do processo de escolarização no corpo dos docentes e as redes que se retroalimentam.

2. Referencial Teórico

No campo da teoria pós-crítica de currículo, estão os movimentos que questionam as narrativas, que associam a perspectiva de que cultura, poder e saber estão conectados, assim como a conexão entre o significado e o significante, entre muitas outras. Essa perspectiva nos ajuda a embasar e conduzir as discussões deste estudo no recorte elucidado.

Para Michel Foucault, o corpo sofre processos de subjetivação e objetivação relacionadas ao contexto histórico, seus estudos

têm por base a atuação sofisticada e sutil das relações de poder vigentes na sociedade, estas, por sua vez, disciplinam e controlam os indivíduos segundo o jogo social dominante. A ideia de que os indivíduos são controlados nas minúcias e nos detalhes nos remete a outra consideração foucaultiana, a qual nos apresenta o corpo como algo manipulável. (SOUZA; NEIRA, 2014, p. 111).

Portanto, a produção cultural e social atua o tempo todo nessas construções de controle, bem como a linguagem como objeto e meio dessas produções, não de forma neutra, mas como código vivo. A problemática da verdade é um fio condutor nos estudos foucaultianos, ele destrincha diferentes domínios da sociedade e analisa as relações entre os sujeitos e esses domínios. Para esse autor, as práticas históricas (práticas discursivas, práticas sociais e

práticas de si) são objetos articulados com uma produção discursiva de verdade e subjetivação.

Veiga-Neto (2003) se aprofunda nos estudos de Foucault e a educação e corrobora com Silva quando traz os conceitos sobre como os corpos são sujeitos de exercício de poder sobre os outros e sobre si mesmos. Essas tecnologias empregadas nos mecanismos sociais de relações são invisíveis e produzem corpos dóceis, de acordo com determinada ordem.

De acordo com Veiga-Neto (2003, p.136), “nos tornamos sujeitos pelos modos de investigação, pelas práticas divisórias e pelos modos de transformação que os outros aplicam e que nós aplicamos sobre nós mesmos”.

Para Silva (2011), o currículo nos constrói como sujeitos específicos, portanto todas as pessoas envolvidas com essa construção estão necessariamente influenciadas por ela. Os docentes e seus corpos, são governados por essas relações de poder, nas mais diversas formas de linguagem exercidas por esse currículo institucional.

Foucault ao analisar e explicitar alguns dispositivos disciplinadores traz diversos pontos em comum: as distribuições sistemáticas, a organização analítica dos espaços, os elementos intercambiáveis, o controle da atividade por meio de horários, elaboração temporal dos atos, a imposição de um gesto e a atitude global do corpo, a articulação corpo-objeto somado com a utilização exaustiva (Macedo, 2020).

Portanto, esse corpo se torna dócil pela união de algumas características como, obediência política e ser útil em termos econômicos.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) [...] a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e a dominação acentuada. (FOUCAULT, 2012, p. 119).

O biopoder possui uma anatomia cujos dispositivos encarregados de disciplinar e extrair a força produtiva do corpo humano, está diretamente ligado ao controle do tempo e do espaço. Nesse caso o poder não é algo palpável para Foucault, mas uma rede que age de maneira difusa nas relações.

No conceito de biopolítica de Michel Foucault,

[...] o poder encontra-se sempre associado a alguma forma de saber. Exercer o poder torna-se possível mediante conhecimentos que lhe servem de instrumento e justificação. Em nome da verdade legitimam-se e viabilizam-se práticas autoritárias de segregação, monitoramento, gestão dos corpos e do desejo. Inversamente, é no centro de aparatos sofisticados de poder que sujeitos podem ser observados, esquadrihados, de maneira que deles sejam extraídos saberes produtores de subjetividade. (FURTADO; CAMILO, 2016, p.35).

Para Michel Foucault, um grande exemplo é a escola como um dos cenários da atuação de normalizações, padronizações sociais e mecanismos de vigilância e controle de corpos.

3. Método

Este é um estudo descritivo, qualitativo, do tipo relato de experiências. A análise crítica se dá mediante o confronto com uma análise foucaultiana do discurso, a partir de uma descrição crítica da minha atuação como professora de Linguagens em uma instituição de ensino privada com os três anos do Ensino Médio e Técnico. Com salas de aulas compostas por 42 alunos e três anos de experiência na mesma instituição.

Aprendemos com Foucault que as sínteses discursivas, que nos chegam e são aceitas como naturais do mundo social, precisam ficar em suspenso. Não é negá-las ou ignorá-las; é trazê-las para o centro da discussão e mostrar que resultam de uma complexa trama que as permite aparecer dessa forma neste momento. (FERREIRA; TRAVERSINI, 2013, p. 210)

Neste trabalho, serão relatadas práticas sociais e relações concretizadas e vividas pela professora-pesquisadora (práticas históricas: práticas discursivas, sociais e de si) entendendo que são situações sustentadas por um discurso cujo conceito foi profundamente estudado por Foucault em formato documental.

4. Discussão

No cotidiano da escola e nas relações permeadas pelo currículo, se dá a experiência, assim se constrói o ensino aprendizagem e os sujeitos em relação com o mundo. A partir do meu ponto de vista, faço uma descrição crítica e

proponho uma discussão e com reflexões a respeito do currículo, dos corpos dos professores e da experiência.

A escola em que trabalho com os três anos do Ensino Médio é um prédio cuja estrutura se compõe por salas de aula grandes, cadeiras com rodinhas para os estudantes e uma cadeira fixa para o docente, lousas em todas as paredes, laboratório de informática com 25 computadores, um foyer com carpete no chão e todas as paredes cobertas por obras de arte e um espaço externo no quinto andar com bancos, plantas e mesas com cadeiras. Porém, não possui quaisquer outros espaços de estudo, como quadra poliesportiva, salas com espaço totalmente livre, espaços com aparelhos de som, biblioteca com espaços individuais de estudo, dentre outros.

A restrição que esse equipamento limitado traz é gigantesca para o corpo. Além disso, os espaços existentes são condicionantes a determinadas ações: ao promover arquitetonicamente espaços com obras de artes, por exemplo, existe um condicionante dos corpos que habitam esses espaços.

Houve de início uma narrativa de total entendimento da necessidade desses espaços citados para a aprendizagem (mesmo que restrito apenas aos professores de Artes e Educação Física), contudo, com o passar do tempo, o discurso é que é possível adaptar as salas de aula, pois ao mover as cadeiras para um lado da sala, é possível usar o outro lado e desenvolver todos os conteúdos necessários. Além disso, há uma pressuposição de que apenas os professores de Artes e Educação Física devem necessitar desses deslocamentos das cadeiras para suas aulas, os professores das outras áreas não precisam, quando é determinado por regra institucional que ao final das aulas de Artes e Educação Física sejam colocadas novamente as cadeiras dos estudantes em fileiras.

Foucault (2010), ao trazer o conceito de corpos dóceis e técnicas invisíveis de disciplinamento, elucida como as narrativas e regras escolares conduzem e orientam as ações dos professores em sala de aula, buscando disciplinar não só os corpos dos estudantes, como os corpos dos professores, indicando pela linguagem arquitetônica dos espaços o que o professor deve priorizar quando limita a ação corporal de todos e todas.

A leitura desses aspectos se dá de forma minuciosa, contudo é uma linguagem que exerce poder: ao conter rodinhas nas cadeiras dos estudantes e a cadeira do docente ser fixa, ou seja, existindo a possibilidade de mobilidade para alguns e não para outros. Há também a institucionalização que todos os docentes, exceto aqueles que se pressupõe vão “utilizar” o corpo, devem conduzir as suas aulas com os estudantes sentados em fileiras. Esse espaço físico sendo produzido cada vez maior, influencia o uso da voz, pois fazem com que os professores tenham que emitir cada vez mais alto a sua voz, sem necessariamente ser permitido utilizar tecnologias que colaborem para não haver esse desgaste no corpo dos docentes.

O currículo orientado de forma a limitar os espaços dos corpos às salas de aula, havendo uma restrição às experiências de ensino aprendizagem que envolvam a cultura corporal torna as estratégias bastante limitadas, bem como limita seu próprio corpo no processo, tornando-se um corpo dócil.

Então, um corpo dócil é aquele passível de repressão, de ser sujeitado, é aquele indivíduo “bonzinho”, que não pode e nem deve contestar o sistema no qual está inserido. Todo o processo dos corpos dóceis é produzido gradativamente, sendo sustentado pelas instituições disciplinares que fazem uso do poder disciplinar. (MACEDO, 2020, p.23).

Outro aspecto que ratifica essa análise é a composição das “salas dos docentes” apenas por mesas retangulares coletivas com cadeiras fixas, mesas com computadores e armários para guardar os pertences. Não existe um espaço livre ou que pressuponha que o corpo não vai permanecer sentado.

O enrijecimento corporal do docente, com espaço que proporcione apenas a ação racional/mental, além de disciplinar esses corpos, projeta valores esperados, hierarquias e obediência.

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. São espaços mistos: reais, pois que regem a disposição de edifícios, de salas, de móveis, e ideias, que se projetam sobre essa organização caracterizações, estimativas, hierarquias. (MACEDO, 2020, p. 21).

O modo como opera o biopoder fica explícito. A lógica produtivista com foco no resultado, operacionaliza cada vez mais os processos, economiza movimentos e condiciona gestos, cuja repetição diária no mesmo contexto proporciona ao docente um corpo com cada vez menos energia, impulsões e transformações.

A dispositivo do tempo x espaço é analisado por Foucault: O currículo organizado sem intervalos entre as aulas (apenas 15 minutos para docentes e estudantes entre a terceira e a quarta aulas), com seis aulas por dia em um local com salas de aula espalhadas em sete andares, é outro fator que de forma invisível condiciona os corpos a se movimentarem pelo espaço por elevadores, devido à rapidez e praticidade. Em complemento, esse mesmo currículo institui para o controle de entrada e saída de todos os funcionários a utilização de um ponto eletrônico com uma janela de cinco minutos antes do início da primeira aula e cinco minutos após o horário final da última aula para que o registro seja feito.

Para Foucault, a disciplina é um poder que dociliza e adentra acima de tudo, por isso as instituições disciplinares produzem ao longo do tempo uma maquinaria de controle que funcionam como um microscópio do comportamento: como um aparelho de observação de registro e de treinamento. A disciplina é algo que é desenvolvido internamente nos corpos, portanto esses dispositivos colaboram para que as pessoas se moldem a uma certa obediência do que é esperado que se faça, se auto governando para corresponder aos mecanismos.

As tecnologias produzidas e adaptadas são cada vez mais avançadas, o que antes era possível de acontecer a partir das relações e observações das pessoas, atualmente é possível que uma pessoa, sem qualquer relação pessoal com os docentes, possa monitorar todos ao mesmo tempo com câmeras nos espaços comuns para monitoramento 24 horas de tudo o que acontece. Trata-se, como analisado por Foucault, como o olhar panóptico: o espaço arquitetônico organizado para o máximo de controle com o menor gasto de energia, aumentando a eficácia, algo muito comum nas instituições atualmente.

Na instituição em questão os únicos espaços que não possuem monitoramento por câmera são dentro das salas de aula (contudo, as portas das

salas possuem um vidro), dentro da sala dos docentes e dentro dos banheiros. No espaço externo e no foyer existem câmeras. Os dispositivos possuem diversas finalidades, fazendo também com que as pessoas se sintam monitoradas em tempo real. Um exemplo no qual me senti monitorada foi quando ao final da minha aula, eu fui questionada sobre algumas atividades e atitudes desenvolvidas durante esta aula pela minha superior. Ao sentir-me assim, a consequência direta é um controle sobre meu próprio corpo para que essas situações não se repitam, bem como atitudes de controle sobre os corpos dos estudantes.

Foucault, no livro *Vigiar e Punir* conclui que o sucesso do poder disciplinar se deve, sem dúvida, ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame (Macedo, 2020). A vigilância hierárquica apenas se adapta a novas técnicas e formas, mas mantém-se sendo a mais funcional.

De acordo com Foucault, é a combinação desses dispositivos de controle que exercem o poder de proporcionar que os corpos se docilizem, se governem e obedeçam. Foucault em suas obras analisou a existência desses dispositivos e trouxe como exemplo as instituições escolares, as penitenciárias e a família, mas ao compreendermos a essência desse mecanismo, percebemos que eles estão presentes como um todo na vida em sociedade.

5. Considerações Finais

É notável como os dispositivos atuam de acordo com os discursos construídos pelo momento histórico da nossa sociedade, principalmente associados a lógica produtivista, tal qual se observou na instituição investigada. Como Foucault traz, o processo de subjetivação dos corpos simplesmente se dá na sociedade, pelas redes e relações, sem que haja um agente determinado para isso. A arquitetura escolar tem pontos similares em instituições diferentes, pois o objetivo é o mesmo, por isso, os relatos e as análises trazidas neste estudo sobre uma determinada instituição não visam culpabilizar uma escola específica, mas analisar criticamente um recorte que pode exemplificar as escolas como um todo.

A ordem social objetivada para os estudantes só é garantida a partir da imposição da mesma ordem social aos professores, que se tornam seus principais agentes. O biopoder manipula os corpos de forma a não abrir espaços e tempos para que questionamentos sobre essa realidade, então a obediência dos corpos dos professores molda a forma como eles próprios articulam mecanismos para a obediência dos corpos por meio dos quais exercem poder hierárquico. Em outras palavras, ao se sentir vigiado, o professor desenvolve uma forma de interagir no espaço e com as outras pessoas multiplicando as ferramentas de vigilância.

O resultado é um docente subjetivado como um corpo que só obedece e procura evitar situações que possam ocasionar quaisquer questionamentos dos discursos de verdade e obediência, reproduzindo, fortalecendo e sendo vitimado pelas relações de poder que atuam na instituição.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, A. R. **Tempo e espaço no currículo escolar**. São Leopoldo, Unisinos, 2009. Dissertação de Mestrado.

BRASIL. Ministério da Educação. O corpo na escola. **Salto para o Futuro**. Ano XVIII boletim 04 - Abril de 2008.

FERREIRA, M. S.; TRAVERSINI, C.S. A Análise Foucaultiana do Discurso como Ferramenta Metodológica de Pesquisa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 207-226, jan./mar. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu>, acessado em 13/05/2022.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento a prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. 40ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FURTADO, R. N.; CAMILO, J. A. de O. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, 16(3): 34-44, dezembro, 2016.

MACEDO, P. H. V. **Corpos dóceis: os mecanismos invisíveis evidenciados por Michel Foucault**. Maringá, PR. Uniedusul, 2020.

MOREIRA, A. F. B. O pensamento de Foucault e suas contribuições para a educação. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 90, p. 309-313, Jan./Abr. 2005.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Linguagem e cultura: subsídios para uma reflexão sobre a educação do corpo. **Caligrama**. Revista de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Mídia, v. 3, n.3, pp. 01-16, set./dez., 2007.

REIS, C, D; PARAÍSO, M. A. A Constituição de Corpos Guerreiros em um Currículo Escolar. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1243-1266, out./dez. 2013.

SILVA, T. T. Currículo e identidade social. In: **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 185-201.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & A Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.